



**O QUE AS MÃES TÊM A NOS ENSINAR?  
A PROVOCAÇÃO DO OLHAR INVESTIGATIVO A PARTIR DA  
PARENTALIDADE DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA**

Amanda P. Magalhães<sup>1</sup>, Maria Izabel Machado<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás, [amandamagalhaes@ufg.br](mailto:amandamagalhaes@ufg.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás, [mariaizabelmachado@ufg.br](mailto:mariaizabelmachado@ufg.br)

**Propósito**

A maternidade de uma criança atípica tem me levado a lugares que antes de ser mãe eu não conseguia imaginar que são espaços de relações tão complexos, intrigantes, profundos e significativos, como os que frequento atualmente. Nesses processos relacionais meu olhar ficou detido em dois pontos de atenção: a instituição observada é frequentada majoritariamente por mulheres e essas mulheres criam estratégias de existência e resistência em seu cotidiano.

Essa convivência com diversas mulheres exercendo o materno de crianças atípicas suscitou em mim questionamentos e desconfortos que acabaram por sensibilizar e instigar uma disposição científica e investigativa, que atualmente me constitui enquanto mãe pesquisadora. Partilho do cuidado de meu filho com o pai, que é o maior responsável por levá-lo aos atendimentos de reabilitação e desde os primeiros atendimentos fomos confrontados com a surpresa e inquietação dos profissionais que questionavam com frequência sobre a ausência da mãe da criança na instituição. Quando passei a frequentar o local percebi o porquê meu companheiro foi questionado tantas vezes sobre mim: aquele espaço é tomado por mulheres, aquela figura masculina, ali, era exceção. Essa constatação reforça a tese de que as mulheres são as grandes responsáveis pelo cuidado, em especial pelo cuidado parental.

Por que as mulheres se fazem maioria naquele espaço? São mães, avós, tias, irmãs, cuidadoras principais ou fazendo parte da rede de solidariedade de uma outra mulher. Maioria não por escolha, mas por terem sido arbitrariamente designadas para o trabalho de cuidado, função essa que tem gênero, cor, raça e classe social nitidamente definidas. “Uma das razões da difícil desconstrução de essencialismos é que a perpetuação da desigualdade é assegurada exatamente por ser ignorada como arbitrária” (Machado, 2022, p.61).

Desta forma, a experiência vivida a partir da maternidade atípica, vem carregada de conteúdos que informam um fazer científico. Analisar mulheres que travam batalhas diárias para que seus filhos tenham oportunidades de desenvolvimento diz da necessidade de um diálogo entre as maternidades e a academia, de modo a transpor a circunscrição dos espaços cerrados, privados. A pesquisa em andamento aqui apresentada tem como propósito, portanto, tanto apreender a experiência de mulheres no cuidado de crianças atípicas, quanto ampliar e aprofundar os estudos do cuidado a partir das teorias feministas.

Os dados empíricos serão obtidos mediante observação participante e entrevistas em profundidade junto a mulheres que frequentam como cuidadoras o Centro de Atendimento Especializado Renascer (CAE Renascer) – Associação Pestalozzi<sup>1</sup>. A possibilidade de estar nesse espaço enquanto pesquisadora me oportuniza ver o meu objeto de pesquisa distanciando-me das experiências cotidianas para olhá-las a partir de outras perspectivas.

Assim como as “mães da Pestalozzi” me provocam, me inquietam, desejo que essa provocação reverbere contribuindo para a ampliação dos debates sobre o cuidado encarando-o como questão de relevância acadêmica, enquanto categoria analítica, e política no sentido de sua democratização.

## **Revisão da literatura**

---

<sup>1</sup> O Centro de Atendimento Especializado Renascer, foco de nossas observações, faz parte da Associação Pestalozzi de Goiânia/Go e em parceria com o município presta serviços de educação e saúde para crianças e adolescentes até 14 anos.

A maternidade potencializou em mim a esperança, do verbo esperar de Paulo Freire (1992), e essa esperança em cuidar de uma criança com deficiência, compartilhada com outras mulheres nos leva a pensar sobre as relações de cuidado, os sujeitos ali envolvidos e as assimetrias presentes nessas relações. Refletindo sobre o atravessamento do cuidado na vida dos sujeitos, sua permanência em diferentes tempos da vida e na tomada de papéis durante essa relação, é preciso pensarmos no cuidado como conceito, não só como prática, mas como ideia que precisa de tratamento analítico.

Expressamos no trabalho em questão o conceito de cuidado à luz das pesquisas contemporâneas em especial de teóricas feministas, em busca de refletir sobre fundamentos, perspectivas, normatizações e configurações em torno do tema. Expõe-se também discussões acerca da gendrificação e naturalização do cuidado e as consequências da manutenção desses status para as mulheres em seus processos parentais.

Falar de cuidado compreende discussões sobre relações de poder concatenadas às relações de trabalho, gênero, raça, classe e entre outros marcadores (Tamanini, 2018), que dão rostos aos sujeitos que carregam o fardo do cuidado. Quando os atos de cuidado não geram produção e consumo, ao não serem vistos como produtos do mercado, o cuidado se mantém no meio privado e invisível. Dessa forma ele se estabelece como trabalho doméstico, feminino, sem valor econômico e que reforça a divisão sexual do trabalho e as estruturas que distinguem e hierarquizam assimetricamente os gêneros. (Brecailo, 2018).

Possibilitar condições de vida dignas aos sujeitos diz respeito a responsabilização e divisão dos cuidados de modo igualitário, a tornar o cuidado política pública e demanda de todos, todas e todes, desnaturalizar o cuidado como pertencente ao feminino, desessencializá-lo (Machado, 2022). Cuidar acarreta responsabilidades, compromissos, carga e exige expertise, se entendido como ocupação das mulheres, com trabalho gendricado ele acarreta prejuízos sociais e democráticos. Para Marcela Komechen Brecailo (2018), a participação igualitária na vida social e pública, o acesso a tempo livre e possibilidade de autodesenvolvimento são direitos que podem e devem ser alcançados quando o cuidado sair da esfera pré-política e ser entendido como algo compartilhado entre os membros da família e de responsabilidade de esfera social.

Helena Hirata (2022) ressalta que nos últimos vinte anos, os debates sobre o cuidado se tornaram de grande atualidade social e científica. A demanda por essas discussões cresce paralela ao número das pessoas que necessitarão de cuidados nos próximos anos e que ultrapassam a casa dos 2 bilhões, voltando o olhar dos estudos e pesquisas para uma ‘crise do cuidado’ já anunciada. Não há como retroceder e descontinuar estudos e discussões que tomaram potência nas últimas décadas, propulsão essa alavancada com o advento da crise do cuidado em escala mundial, do envelhecimento da população e da inserção das mulheres no mercado de trabalho (Hirata, 2022).

### **Procedimentos metodológicos**

Os procedimentos metodológicos utilizados nesse trabalho partem de memórias de experiências vividas numa abordagem de inspiração auto-etnográfica, tensionadas a um referencial teórico que expõe os desafios políticos, culturais, sociais, teóricos e práticos do cuidado, investigando por meio de uma análise interseccional, que leva em conta as vulnerabilidades e desigualdades sociais, raciais e de gênero.

Propomos investigar e cartografar os sujeitos envolvidos no cuidado de crianças com deficiência, e como se dão essas relações de cuidado estabelecidas entre eles. Objetiva-se desenvolver uma pesquisa qualitativa, de campo e observação participante do cotidiano das famílias e crianças atendidas pelo Centro de Atendimento Especializado Renascer – Associação Pestalozzi, sendo o grupo pesquisado formado por famílias de estudantes do Ensino Especial e crianças atendidas pela Equipe Multiprofissional. Junto a observação participante, serão feitas entrevistas em profundidade por meio de roteiro semiestruturado.

### **Resultados**

A pesquisa encontra-se em andamento, porém os estudos feitos até o momento apontam para a necessidade de sensibilização do meio acadêmico científico para uma desnaturalização do cuidado, tornando a parentalidade uma ação compartilhada, despatologizando essas relações.

Os resultados não são definitivos, porém já indicam que o cuidado precisa ser socializado e sociologizado, superando a visão da maternidade como natural e de responsabilidade dos sujeitos que têm aparato biológico para gestar e amamentar.

### **Implicações da pesquisa**

As “mães da Pestalozzi” nos ensinam cotidianamente que é preciso mudar. Deixar a cargo das mulheres o que precisa ser compartilhado com todos os sujeitos implica em roubar seu tempo, restringir suas escolhas, normatizar seus corpos, perpetuar desigualdades e exercer sobre elas poder e dominação.

Implicações dos estudos feitos até o momento levam a reflexão dos lugares sociais atribuídos aos sujeitos e como a perpetuação desses lugares e sua essencialização precisam ser urgentemente superadas. O cuidado precisa sair da esfera pré-política e ocupar espaços de ampla discussão e visibilidade, estendendo sua presença e efetivação nas políticas públicas garantindo sua socialização e sociologização.

### **REFERÊNCIAS**

- Brecailo, M. K. (2018). O Cuidado de crianças: desafios culturais, sociais e políticos. In: Tamanini, M., Heidemann F. G., Vargas E. P., & Araújo S. M. C. de (Orgs.) *O cuidado em cena: desafios políticos, teóricos e práticos* (pp.217-250). Florianópolis: UDESC.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hirata, Helena. *O cuidado: teorias e práticas*. Tradução: Stahel M. São Paulo: Boitempo.
- Machado, M. I. (2022) Quarenta anos de “uma voz diferente”: sexo, gênero e a necessidade de desessencializar o cuidado. *Schème: revista eletrônica de psicologia e epistemologia genéticas*. (14), 52-80. doi: <http://dx.doi.org/10.36311/1984-1655.2022>



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE  
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

Tamanini, M. Para uma epistemologia do cuidado: teorias e políticas. In: Tamanini, M., Heidemann F. G., Vargas E. P., & Araújo S. M. C. de (Orgs.). *O cuidado em cena: desafios políticos, teóricos e práticos* (pp 31-70). Florianópolis: UDESC.